E AGORA? LEMBRA-ME

[Joaquim Pinto, 2013, Portugal, 164 min., VOSE]

Lingua **Portugués**
Dirección **Joaquim Pinto**
Guión, montaxe, son, fotografía e elenco **Joaquim Pinto e Nuno Leonel**
Produción **CRIM Productions (Portugal), co apoio do Instituto do Cinema e do Audiovisual, Calouste Gulbenkian Foundation, Rtp**
Distribución **Márgenes Distribución**

Joaquim Pinto, afectado polo VIH e o VHC, comeza un tratamento experimental en Madrid o mesmo día que o PP de Rajoy gaña as eleccións de 2011. O cineasta portugués, a carón do seu marido Nuno, grava a súa terapia durante un ano.

Desde o íntimo do rexistro en primeira persoa, Pinto trata asuntos universais coma a sanidade pública, a crise económica, a historia do cinema e as formas do amor.

PROGRAMACIÓN DE MAIO

Todas as sesións comezarán ás 20.30 h, excepto a do día 9, que comezará ás 20 h.

CHANTAL AKERMAN (VOSE)

Martes 2 ás 20:30 h
JE, TU, IL, ELLE (1974, 82 min.)

Martes 9 **ás 20 h**
JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES (1975, 193 min.)

Martes 23 ás 20:30 h
NEWS FROM HOME (1976, 85 min.)

Martes 30 ás 20:30 h
TOUTE UNE NUIT (1982, 87 min.)

KINUYO TANAKA (VOSG)

Luns 8 ás 20:30 h
CARTA DE AMOR (1953, 98 min.)

Luns 22 ás 20:30 h
A SEÑORITA OGIN (1962, 101 min.)

Organiza:

CINECLUBE PONTEVEDRA

cineclubepontevedra.blogspot.com.es

cineclubepontevedra

CineclubePo

Coa colaboración de:

Concello de Pontevedra

FEDERACIÓN DE CINECLUBES DE GALICIA

XUNTA DE GALICIA

FS #182
25.4.2023

E AGORA? LEMBRA-ME

JOAQUIM PINTO

CINECLUBE PONTEVEDRA

VAMOS APRENDER A ESTAR VIVOS (E TALVEZ A SER MELHOR DO QUE SOMOS)

O sentimento de passagem do particular para o geral, do privado para o 'cósmico', é um dos aspetos que mais me fascina. Teve desde o início a noção de que o filme iria ganhar esta forma? *E Agora? Lembra-me* desenrola-se mais ao menos no período de um ano. No filme, começo pelo princípio: digo o meu nome. Digo que sou casado com o Nuno e que vivemos no campo com os nossos quatro cães. Conto em seguida que procurei sem sucesso todos os tratamentos disponíveis em Portugal para a hepatite C, que em coinfeção com o VIH estava a destruir-me o fígado e a evoluir para uma cirrose. Eu vivo com os dois vírus há vinte anos. Para responder à pergunta, acho que a primeira abordagem ao diário de bordo se transformou para mim e para o Nuno noutra coisa, evoluiu para uma experiência de partilha das nossas sensibilidades, das nossas experiências, da nossa perceção do tempo e do espaço e da nossa visão do mundo.

Quando é que decidia que ia ligar a câmara se, no fundo, viver e filmar passaram a ser a mesma coisa? Não tínhamos qualquer planificação, e o processo acabou por ser muito intuitivo. Eu comecei este filme sozinho, mas há um momento em que o Nuno decidiu seguirme na aventura. Começou também ele a filmar e a aparecer no ecrã. Nós tínhamos duas câmaras, uma HD profissional e uma câmara mais compacta e leve que utilizei, por exemplo, nas minhas viagens a Madrid. As câmaras andavam quase sempre connosco. Tornaram-se um prolongamento dos nossos olhos, um pouco como o Cartier-Bresson, que andava sempre com a sua Leica. Este processo não foi nada cerebral, muito menos um achado na mesa de montagem. As coisas passaram-se assim. Tornou-se claro que não iríamos alterar em nada o nosso quotidiano nem procuraríamos 'encenar' a realidade pelo desejo de a querer filmar. Os dias que estão no filme são o registo do nosso dia a dia. E, contudo, nasceu um outro tipo de diálogo entre nós. Um diálogo que não passa só pelas palavras — e é verdade que no filme falamos muito pouco — mas também pelos afetos, pela amizade e pela forma como cada um de nós vê as coisas. Muitas sequências do filme são possíveis cartas de amor que oferecemos um ao outro na forma de imagens e de sons.

Quando é que vocês se conheceram? O Nuno trabalhou no genérico do meu primeiro filme, *Uma Pedra no Bolso* (1988). Nessa época, ele ganhava a vida num estúdio de cinema de animação. Eu tinha começado a trabalhar como diretor de som no cinema português no início dos anos 80, participando do trilho criativo aberto pelo produtor Paulo Branco. Em filmes como *O Território*, de Raoul Ruiz, por exemplo. Fundei depois a minha própria empresa e tornei-me também produtor de alguns cineastas, como o João César Monteiro, a partir de *Recordações da Casa Amarela*. Durante esse tempo, o Nuno sempre esteve muito próximo. Ele era, aliás, uma das raras pessoas que o João César escutava atentamente. Quando fiquei doente, nos anos 90, foi como se o mundo tivesse desaparecido. Muita gente pensou que eu estava acabado. Mas o Nuno ficou. Esteve sempre ao meu lado. Fui salvo por ele e pela sua perseverança.

É impossível não pensar na questão da memória perante um filme como este. No filme coloco a mim mesmo esta questão, precisamente: como continuar a viver? Eu tive muitos amigos que passaram pelas mesmas dificuldades que eu e que não conseguiram resistir. O Guy Hocquenghem, cuja morte coincide com a publicação por Douglas Crimp de "AIDS: Cultural Analysis/Cultural Activism" [MIT Press, 1988], um marco na análise global do impacto da sida na cultura. O crítico Serge Daney. O ator Kurt Raab. O dramaturgo Copi [Raúl Damonte Botana], argentino radicado em Paris. O programador do Festival de Berlim: Manfred Salzgeber... Infetados pelo VIH, todos se consumiram depressa. Quando descobri que estava infetado, não encarei isso como uma tragédia pessoal, antes como uma vicissitude que implicou mudanças radicais na minha vida e que me fez refletir. Não foi por sorte, porque não acredito na sorte, mas tive seguramente a sorte de a minha amizade com o Nuno ter evoluído nesses anos difíceis para qualquer coisa que se tornaria absolutamente central na minha vida. Se não o tivesse encontrado, não estaria aqui de certeza.

Há um momento no filme em que troca algumas impressões com uma amiga: falam da burocracia dos sistemas de saúde, do preço dos medicamentos, da dificuldade para aceder aos tratamentos... O pedido de assistência financeira de Portugal à troika deu-se imediatamente antes das filmagens, em maio de 2011, e a direita venceu as eleições em junho desse ano, anunciando cortes profundos na saúde, na educação e na cultura. Em Espanha, o início dos tratamentos coincidiu também com a vitória da direita do Partido Popular. É claro que o período de crise envolve este filme, e não podia deixar de o referir. Apesar de tudo, sou privilegiado, não dependo de terceiros economicamente, tenho acompanhamento médico, mas sei que há milhões que não o têm. Por isso mesmo, a liberdade que tenho exigiu-me assumir uma responsabilidade. Ao expor-me, estou também a expor os problemas de um sistema de saúde público. Nesta medida, *E Agora? Lembra-me* é também um filme político.

Recollido de expresso.pt.